

EDUCAÇÃO SEXUAL: HÁBITOS DOS JOVENS DE ESCOLAS DE MACAU/RN

Nayara Cristina Oliveira dos Santos¹; Daniely Barboza da Silva²; Luiz Otávio Silva Santos⁴

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Macau.
E-mail: nayara_scout@hotmail.com; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Macau. E-mail: danielybarbozatst@gmail.com*

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa descritiva, feita através de questionários, com o objetivo de entender os hábitos e concepções sobre a educação sexual e saber qual o nível de conhecimento sobre as consequências atribuídas ao sexo não seguro, entre alunos da rede pública e da rede privada, na região de Macau/RN e quando esses jovens costumam iniciar uma vida sexual ativa. O aumento do número de doenças sexualmente transmissíveis em jovens, nos mostra a dimensão dos maus hábitos sexuais que os mesmos possuem, sem um real conhecimento da importância dos cuidados e prevenção. Os resultados foram finalizados através de tabulação e comparados para uma compreensão geral.

Palavras-chave: Jovens, Hábitos, Educação Sexual.

INTRODUÇÃO

As consequências como a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, que talvez sejam questão atribuídas a uma possível falta de informação dos jovens com relação a vida sexual e seus cuidados, vem crescendo cada vez mais, e tendo em vista o grande papel que a escola representa para esse público, torna-se de muita importância a implantação de uma forma direcionada que trate informações que auxiliem esses jovens na forma correta de prosseguir. Um estudo realizado por Borges e Schor (2005) diz que no Brasil, a primeira relação sexual tem sua média aos 15 anos, e já pode ser admitida como uma tendência generalizada. É nessa idade em que os jovens normalmente iniciam também o ensino médio escolar, podendo-se a partir daí inicia-se uma forma de conscientização por meio da escola tratando das diversas formas de prevenção para uma vida sexual segura.

Para Figueiró (2006,2009) o papel da educação sexual formal na escola ultrapassa o ensino de conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade. E segundo Louro (1997) a sexualidade na escola independe da existência de uma disciplina de educação sexual, pois ela se expressa independentemente dos discursos em cada sujeito.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) incluem a educação Sexual como um tema transversal, diante disso Figueiró (2006) relata que esta é uma educação que carece de uma urgência social e pode ser trabalhado nas diversas áreas do conhecimento, podendo ser ensinado por professores de diferentes áreas do conhecimento.

“Com cada vez mais jovens fazendo sexo de forma desprotegida, o número de ocorrências de Doenças Sexualmente Transmissíveis tem aumentado consideravelmente no Brasil” diz o site Agora RN.

Esse aumento no número de doenças sexualmente transmissíveis em jovens, mostra a dimensão dos maus hábitos sexuais que os mesmos possuem, quando os mesmos deixam-se levar muitas vezes por momentos de descontração e euforia que podem trazer consequências irreversíveis a suas vidas, a fase considerada tão difícil acaba tornando-se mais vulnerável.

Entendendo o assunto com maior clareza e sabendo-se onde esses jovens cometem os maiores erros, pode-se obter um resultado mais satisfatório quando se tratar da compreensão desses meninos e meninas e os riscos que eles mesmos se colocam, e considerando que esses jovens passam grande parte do seu tempo na escola torna-se essencial que exista nesse ambiente escolar uma forma de trabalho direta para ajudar a diminuir o crescimento de maus hábitos sexuais.

Para GONÇALVES ET AL. (2013) a sexualidade, no contexto brasileiro, ainda tem sido considerada um tabu permeado de princípios morais e preconceitos, em que crianças e adolescentes se sentem reprimidos em expor as suas dúvidas e expectativas em relação ao assunto. Agindo a família em conjunto com a escola, a inibição de hábitos sexuais considerados errados e prejudiciais pode-se torna mais fácil.

A saúde sexual adulta depende muito da iniciação sexual adequada e ajustada à personalidade de uma pessoa (RODRIGUES JÚNIOR et al., 1991).

Pensando assim, ocorreu o desenvolvimento desta pesquisa com o objetivo de identificar a faixa etária média em que se inicia a vida sexual, analisar o nível de conhecimento em relação a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce, e comparar a aplicação dos conhecimentos sobre educação sexual no cotidiano dos jovens de escolas da rede privada e da rede pública representados por um grupo de alunos do ensino médio de duas escolas.

O espaço pedagógico para a maioria desse público adolescente é um sinônimo de respeito, e de caráter sério, o que possibilita a realização de diversos meios de conscientização, para uma real mudança nos hábitos sexuais desses jovens, havendo a prevenção desde início existe a possibilidade de uma vida sexual segura para sempre, teremos então adultos sexualmente educados.

METODOLOGIA

Esta pesquisa descritiva foi desenvolvida com 81 alunos conforme evidenciado na tabela 1, sendo que 35 pertenciam ao 3^o ano do ensino médio da rede privada, divididos entre duas turmas nos turnos matutino e vespertino, e 46 pertenciam a rede pública de ensino, divididos

entre duas turmas do turno matutino, realizada por meio de dados coletados com questionário contendo 20 questões relacionadas a hábitos sexuais e conhecimentos sobre doenças sexualmente transmissíveis, impresso em papel sulfite folha A4.

A abordagem foi direta com o aluno em sala de aula, utilizamos de computador e acesso a internet como forma de extensão de conhecimento. Para Saito e Leal (2000) as pesquisas demonstram a importância da educação sexual na escola, não que essa fará com que os adolescentes adiem suas primeiras relações, pois se eles se sentirem preparados para tê-las não será a família ou a escola que os deterá. Mas, com certeza, elas ocorrerão de uma forma mais segura, já que jovens mais informados tendem a se prevenir mais.

Em relação ao questionário, a parte inicial continha dois questões sobre informações básicas dos participantes e para sua caracterização, como sexo e idade. A segunda parte voltada para o objetivo principal da pesquisa continha 4 quesitos sobre os métodos contraceptivos tomados pelos respondentes, no qual os mesmos teriam que responder a que alternativas aderiam e a forma de relacionamento sexual. As perguntas que compunham a última parte do questionário foram direcionadas ao conhecimento básico do tema sexualidade focando na transmissão de DST'S, entre essas 3 são de experiência pessoal e novamente de forma conceitual.

Após sua obtenção os dados foram tabulados no *software* de planilhas eletrônicas do *Microsoft Excel*, onde foram separados, reagrupados e analisados para averiguar se há uma diferença estatística significativa entre as respostas apresentadas, e a relação com a escola respectiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas dos participantes foram analisadas a partir de uma tabulação feita em gráficos de cada uma das perguntas colocadas no questionário, que estavam divididas em três tópicos, todos relacionavam a caracterização do participante, seu modo de vida sexual e os conhecimentos que os mesmos tinham em relação ao tema.

Nas duas escolas a maioria dos participantes da pesquisa estava entre 16 e 17 anos, correspondendo a idade média para o 3º ano do ensino médio (turmas em que foi aplicada a pesquisa) em sua maioria meninas. Tendo como maioria dos respondentes adolescentes do sexo feminino. A pesquisa teve em seu total 57% de alunos pertencentes a rede pública de ensino e 43% da rede privada, tendo como base esse percentual para as demais tabulações e resultados.

Questão 1A: Idade

Escola	16	17	18	19	20	Deixou branco	em	Média	Desvio Padrão

Pública	5	19	10	6	6	0	7,666	6,408
Privada	6	17	6	1	1	4	5,833	5,913
Total	81							

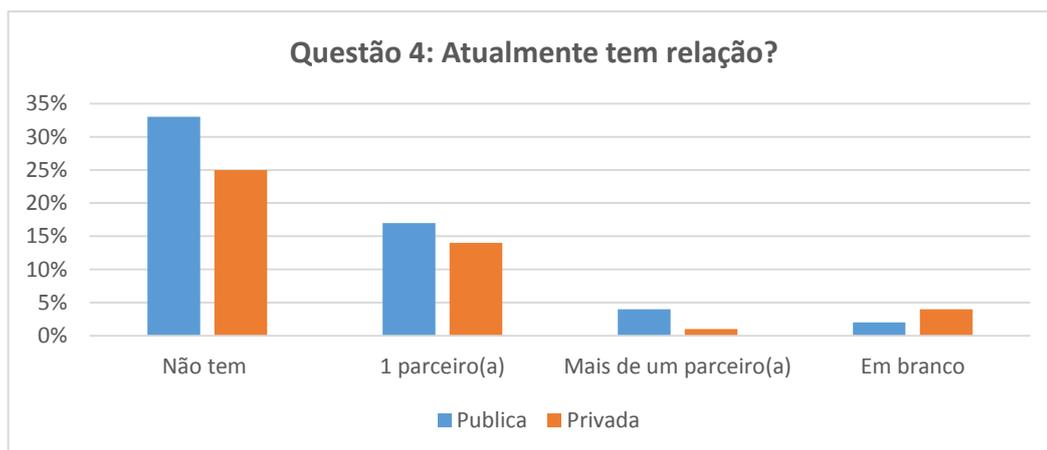
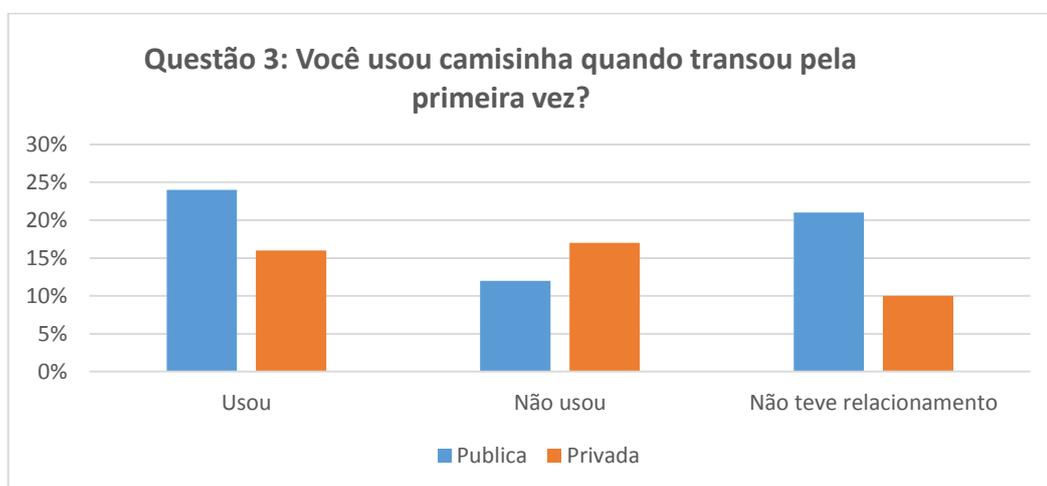
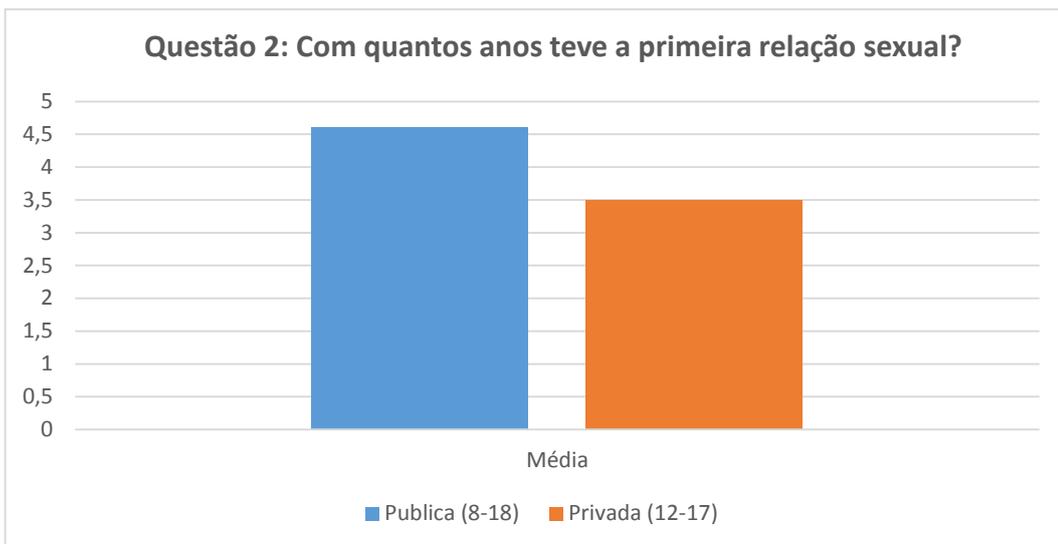
Fonte: Dados da pesquisa

Questão 1B: Sexo

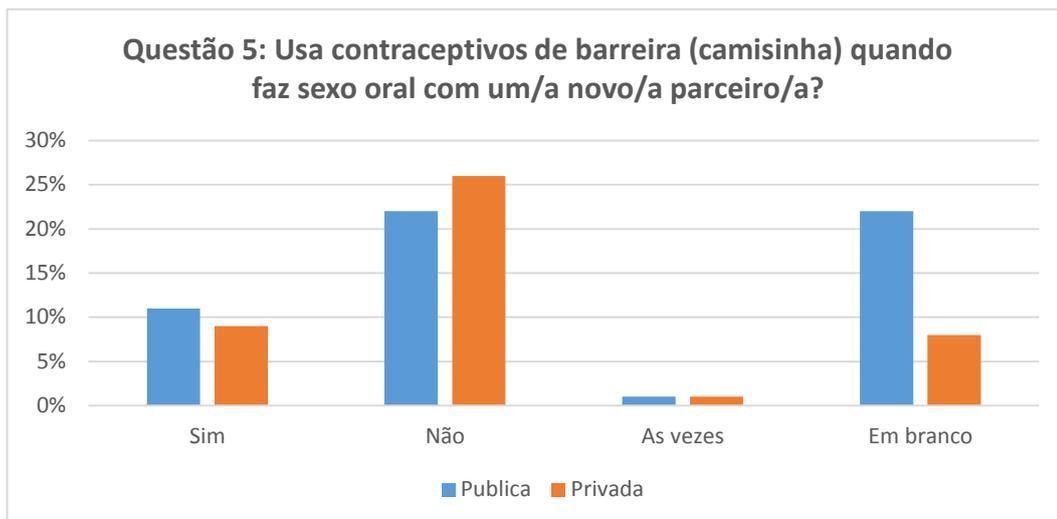
Escola	Masculino	Feminino	Outros	Não respondeu
Pública	18	27	1	0
Privada	10	24	0	1
Total	81			

Fonte: Dados da pesquisa

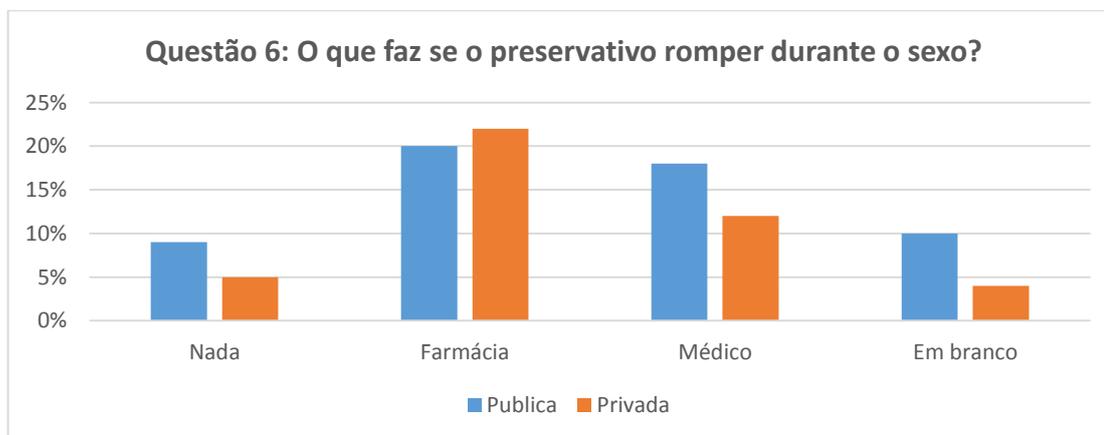
Quando questionados sobre os hábitos sexuais que possuíam, 21% dos alunos da rede pública e 10% da rede privada disseram ainda não ter tido a primeira relação sexual. Para os 69% que já tiveram a primeira relação, 12% dos alunos da rede pública e 17% da rede privada não usaram camisinha em sua primeira vez. A maioria dos respondentes de ambas as escolas disseram não ter relação sexual atualmente. Para Ramiro & Matos (2008 como citado em GONÇALVES ET AL. 2013) a atitude parental positiva em relação a sexualidade, bom relacionamento e a percepção de supervisão parental influenciam no adiantamento da primeira experiência sexual dos filhos e na redução de gravidez não planejada. Nesse sentido é essencial que os adultos trabalhem em um só grupo, aliando escola e família, para que cada vez mais informações possam chegar e conscientizar esses jovens, com o intuito de diminuir números de casos de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce. Mas é importante também entender que a educação sexual não significa a exploração apenas de conceitos e exemplos sobre sexo ou desejos sexuais. Quando se fala de sexualidade, pressupõe-se falar de intimidade e de relações afetivas (MOISÉS & BUENO, 2010).



O Percentual de alunos que disseram não utilizar contraceptivos de barreira ao fazerem sexo oral com novos parceiros, aparece em alta no gráfico da questão 5, o que pode ser um fator de alta preocupação para os que conduzem as diversas formas de intervenções e meios para conscientização desses adolescentes, e um possível enigma para saber como melhorar e assim conscientizar e ajudar muito mais jovens a terem uma vida sexual adequada.

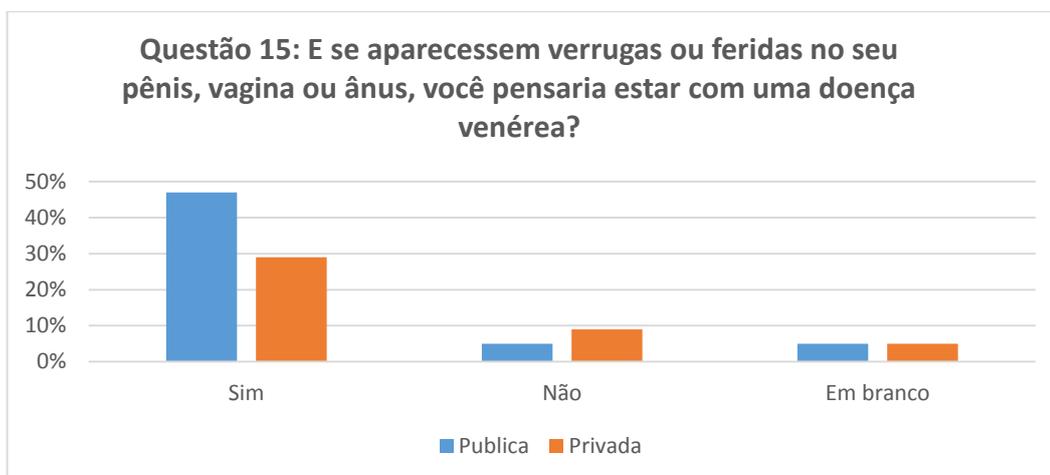
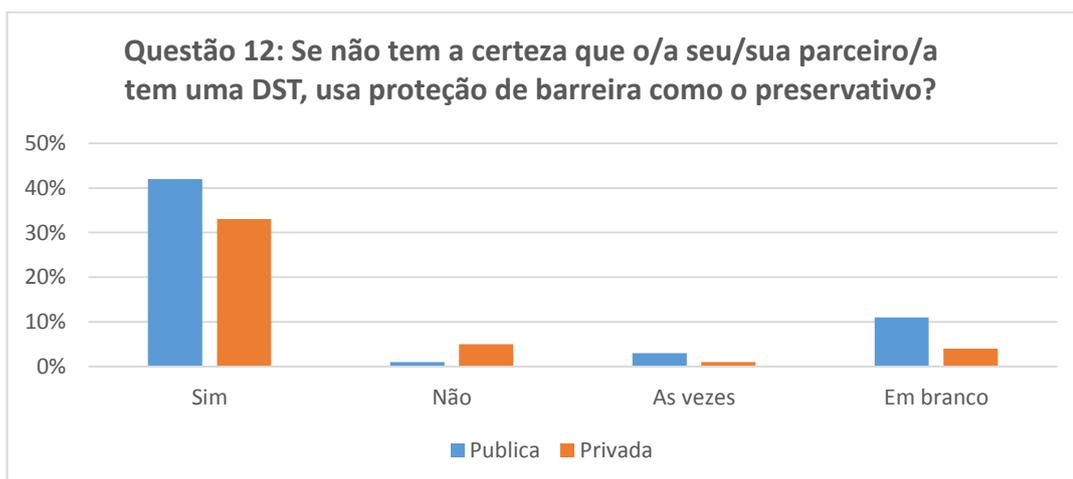
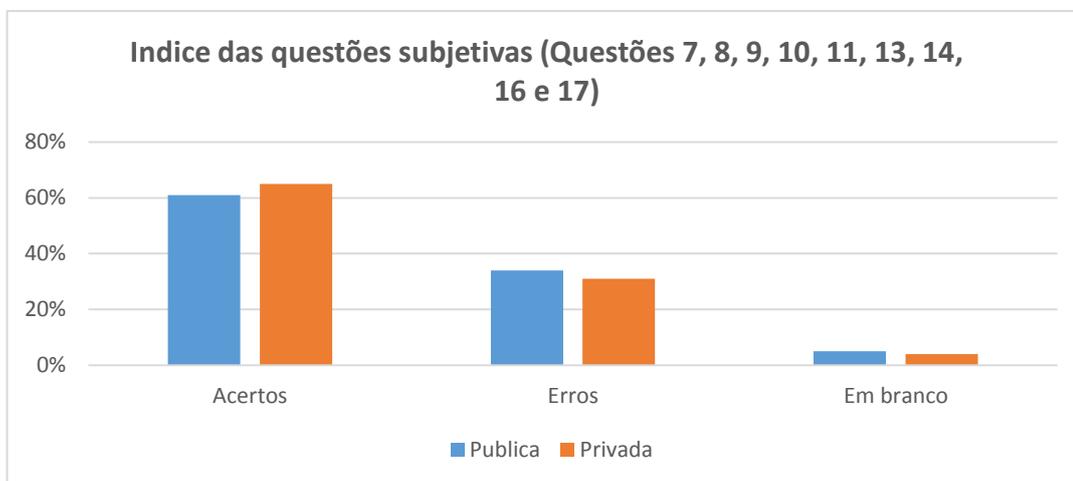


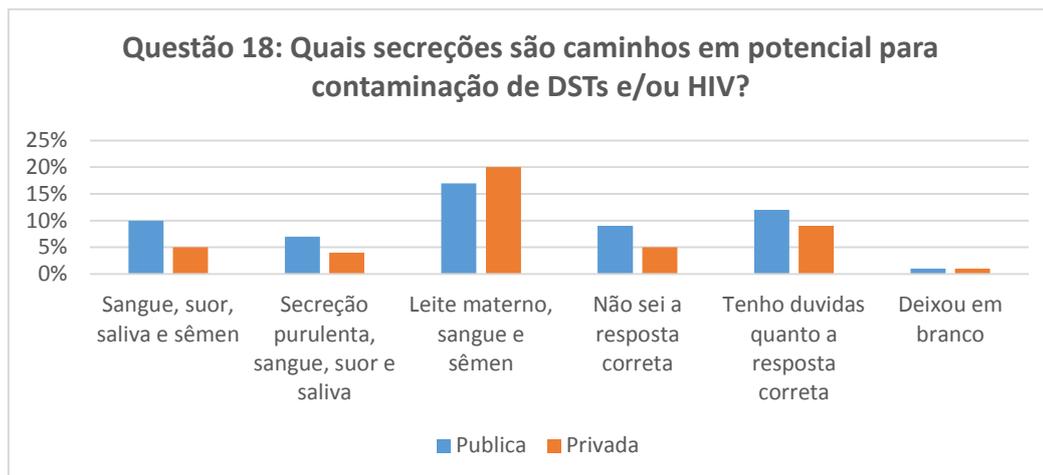
Quando perguntados sobre o que se fazer no caso de incidente, como o rompimento do preservativo durante o ato sexual, a maioria dos respondentes optaria pela ida a farmácia ou procurar um método de reversão. Os números em percentuais de ambas as escolas em relação a todas as demais opções da pergunta, ficaram próximos um do outro, mostrando a mesma forma de pensamento e talvez de informação obtida por todos os estudantes.



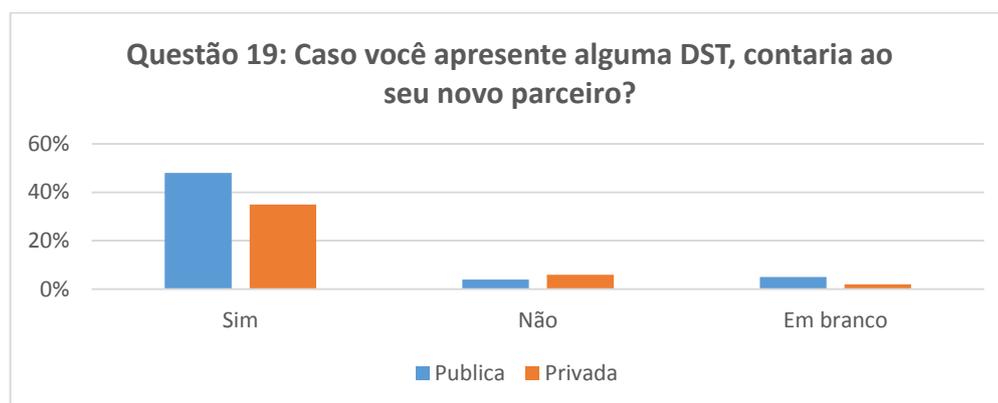
Para algumas perguntas sobre doenças sexualmente transmissíveis, colocadas da questão 7 até a 18 do questionário percebeu-se um certo impasse entre as respostas, em algumas houve maioria de acertos em outras maiorias de erros, com percentuais bem significativos. O que pode indicar um déficit de informação não só na rede pública de ensino como na privada, já que esses percentuais em suas diferenças para certo e errado foram praticamente os mesmos para as duas escolas. A situação atual inspira preocupação: a educação, seja ela pública ou privada, não nos permite ficar em mesmo grau de competitividade com outras nações (OLIVEIRA, 2016). O papel do professor que se dispõe a falar sobre sexualidade no espaço escolar seria de criar oportunidades de reflexão para que os alunos pensem e discutam com os colegas e formem sua própria opinião sobre sexo, masturbação, homossexualidade, aborto, etc., assim como fazer com que os alunos tenham acesso as informações claras, objetivas e científicas sobre o tema (FIGUEIRÓ, 2009). Essa forma de manusear a situação dentro das

escolas, na sala de aula, de forma clara, é um ponto chave para que índice como este, apontado nesta pesquisa dentro destas questões, possa desaparecer ou diminuir significativamente.

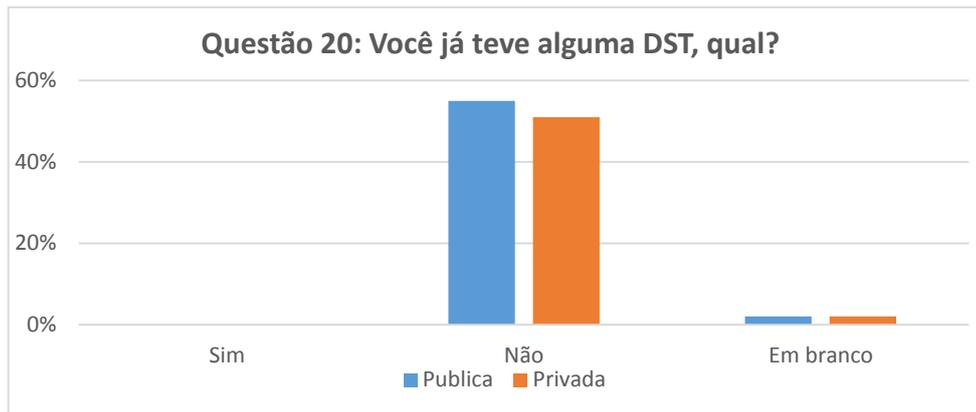




Quando se perguntou se contariam ao parceiro caso tivessem alguma DST, a maioria respondeu que contariam, mas 10% dos respondentes disseram que não contariam, mesmo sendo uma minoria, torna-se preocupante pois se esses 10% contaminaria outros 10% teríamos um numero já maior. Pensando nisto aumentaria os riscos e as preocupações expostas, tendo em vista que, os jovens não só estariam aptos a contraírem doenças por não tomarem medidas necessárias como também por não se preocuparem em infectar os demais.



Quase 100% dos participantes responderam que nunca tiveram nenhuma doença sexualmente transmissível. Entretanto, diante das demais perguntas feitas por esta pesquisa, esse fato não camufla os demais, a falta de conhecimento em relação as formas de prevenção e sintomas diversos de doenças sexualmente transmissíveis, passa a ser o ponto alto dessa falta de informação.



No geral todos os resultados alcançados, mostram que as respostas dos alunos de ambas as escolas estão niveladas, com défices nos mesmos pontos e possuem as mesmas características entre dúvidas, até com as respostas em branco. Deixando evidentes as poucas diferenças existentes ou talvez nenhuma na rede pública e privada da cidade de Macau/RN onde foi feita esta pesquisa em relação aos maus hábitos sexuais e a falta de informação sobre o tema.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento desta pesquisa oportunizou acréscimo de conhecimento sobre o nível de deficiência nas informações relacionadas a educação sexual dos jovens participantes, além disso, trouxe informações importantes de pontos que se devem ser trabalhados para o auxílio de uma educação sexual correta e eficiente, deixou visível as áreas de maior fragilidade, facilitando assim uma intervenção mais direta da escola com o aluno.

A pesquisa mostrou que a idade média em que se inicia a vida sexual é por volta dos 15 anos de idade, sendo também a faixa etária inicial do ensino médio escolar, o que não significa que a vida sexual possa se iniciar mais cedo ou até um pouco mais tarde.

No geral o nível de conhecimento relacionado as doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce, pode ser considerado ainda falho, diante das respostas avaliadas. Mostrando também que o problema em específico atinge a toda a comunidade, já que não se percebeu diferenças significativas entre as respostas dos participantes da pesquisa, tanto pública quanto a privada atendem alunos com os mesmos défices de informações sobre uma vida sexual segura e possuem hábitos sexuais parecidos, notando-se que ambas as escolas estão com o mesmo nível, quando assunto a educação sexual.

Através das respostas dos participantes pôde-se observar um déficit em alguns pontos, como a falta de conscientização sobre o uso de preservativo, ao mesmo tempo em que também mostrou conhecimento sobre os riscos que essa atitude pode oferecer a sua vida e saúde, levando a pensar se esses jovens estão realmente mal informados, em como proceder numa vida sexual correta e de bons hábitos, ou se a falta de consciência pessoal é o que faz esse público jovem iniciar uma vida sexualmente ativa de uma forma incorreta e arriscada.

Mas pensando em como ajudar, independentemente se esses jovens não usam a consciência para terem hábitos sexuais seguros ou se não possuem informações necessárias para isto, a escola então se torna a principal democratizadora dessa educação, tudo isso pensando numa vida mais confortável e segura para esses jovens que estão iniciando suas vidas sexuais, para que eles possam ter um ponto de alicerce onde se sintam seguros diante das dezenas de dúvidas que surgem com o aparecimento de novos hábitos, nesse caso os hábitos sexuais.

REFERÊNCIAS

Agora RN. Disponível em: <http://agorarn.com.br/vidaesaude/seis-doencas-sexualmente-transmissiveis-em-alta-entre-jovens-brasileiro/> acesso em: 20 de setembro de 2017.

BELISSE, C. L. **Atividade Sexual Precoce na Adolescência**: a importância da educação sexual nas escolas. Dia a Dia educação. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1460-8.pdf> acesso em 20 de setembro de 2017.

BORGES, A. L. V., SCHOR, N., Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. **Revista Caderno de Saúde Pública**, São Paulo, v.21, n.2, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2005000200016&script=sci_abstract&tlng=es acesso em 17 de Dezembro de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclo – apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMARGO, A. M. F. de; RIBEIRO, C., **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

Correio Popular. **Maus hábitos começam mais cedo entre os jovens**. Disponível em: http://conteudo/2015/01/capa/campinas_e_rmc/235571-maus-habitos-comecam-mais-cedo-entre-adolescentes.html acesso em: 19 de setembro de 2017.

Dimenstein G. Estudo relaciona falta de escolaridade com gravidez. Folha de São Paulo. 1999 out 4; Disponível em: <http://fsp/cotidian/ff0410199913.htm> acesso em: 20 de setembro de 2017.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v.7, n.1,p.1-21 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323/1132> acesso em: 16 de setembro de 2017.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. In: _____. (Org.). Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009. p. 141-172.

GONÇALVES, R.C., FALEIRO, J. H., MALAFAIA G., **Educação Sexual no Contexto Familiar e Escolar: Impasses e Desafios**. Revista Holos, V. 5, n.29, p.256, 2013. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784/741> acesso em: 06 de Janeiro de 2018.

GONÇALVES, R.C., FALEIRO, J. H., MALAFAIA G., **Educação Sexual no Contexto Familiar e Escolar: Impasses e Desafios**. Revista Holos, V. 5, n.29, p.253, 2013. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784/741> acesso em: 06 de Janeiro de 2018.

GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na Escola: mito ou realidade**. Campinas SP: Mercados da Letras, 1995 (Coleções Dimensões da Sexualidade).

Holanda, de M. L., Frota, M. A., Machado, M. F. A. S., & Vieira, N. F. C. O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES. Revista Cogitare Enfermagem. Ed. Out/Dez 2010.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Ed. Vozes, 8ª edição. Petrópolis-RJ, 1997.

NUNES, C. A. Política, sexualidade e educação. **Revista Digital de Paideia**, Ribeirão Preto, v.3, n.2, p.4-17, Out. 2011 – Mar. 2012 Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/rfe/article/view/2957/2626> acesso em 16 de setembro de 2017.

NOGUEIRA, N. S., ZOCCA, A. R., MUZZETI, L. R. e RIBEIRO, P. R. M., **Educação Sexual no Contexto Escolar: As Estratégias Utilizadas em Sala de Aula Pelos Educadores**. Revista Holos, V. 3, n. 32, p.320, 2016. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2302/1501> acesso em 08 de Março de 2018.

OLIVEIRA, J. B. (2016) **As Escola Privadas São Melhores Que As Públicas?**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/educacao-em-evidencia/as-escolas-privadas-sao-melhores-do-que-as-publicas/> acesso em 07 de janeiro de 2018.

Portal Brasil. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/saude/2012/12/jovens-brasileiros-nao-tem-conhecimento-sobre-dts-e-formas-de-infeccao-diz-estudo> acesso em: 22 de setembro de 2017.

Portal Brasil. Disponível em: <http://saude/2012/04/direito-a-sexualidade> acesso em: 22 de setembro de 2017.

Público. **Meios de comunicação influenciam hábitos sexuais dos adolescentes.** Disponível em: www.publico.pt/sociedade/jornal/meios-de-comunicacao-influenciam-habitos-sexuais-dos-adolescentes-69819 acesso em 15 de setembro de 2017.

RODRIGUES JÚNIOR, O. M.; JABER, L.; COSTA, M. **Iniciação Sexual e a Etiologia das Disfunções Sexuais Masculinas.** Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia, São Caetano do Sul, v.3, n.3, p.46-54, 19

SAITO, M. I. LEAL, M. M., **Educação sexual na escola. Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.** Disponível em: <http://www.pediatriaopaulo.usp.br/upload/pdf/451.pdf> Acesso em: 21 de setembro de 2017

Santos Júnior JD. Fatores etiológicos relacionados a gravidez na adolescência; vulnerabilidade e maternidade. In: Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Política de Saúde. Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento. v.1. Brasília (DF): MS; 1999. p.223-9.

SILVA, B. R. da, **Sobre sexualidade, adolescência e escola: uma proposta de intervenção,** Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6888/1/2013_BeneditaRodriguesDaSilva.pdf acesso em 06/01/2018.

SPITZNER, Regina Henriqueta Lago. **Sexualidade e adolescência: reflexões a cerca da educação sexual na escola.** Disponível em: http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2005-Regina_Spitzner.pdf acesso em 07 de janeiro de 2018.

V SIES. Disponível em: http://www.sies.uem.br/anais/pdf/educacao_sexual_escolar/4-08.pdf acesso em: 21 de setembro de 2017